

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: A Crítica (Manaus-AM) Class.: 94

Data: 23.06.81

Pg.: _____

Conflito entre soldados e índios

~~MM~~ Duas crianças — uma índia e outra branca — foram as vítimas fatais de um conflito entre índios apurinã e soldados da Polícia Militar, sábado à noite, no município de Lábrea, quando um cabo da PM matou o filho do cacique Agostinho, da aldeia de Caititú. O crime ocorreu durante uma briga na casa do agricultor Raimundo Fernandes, que realizava uma festa junina, da qual participavam vários índios aculturados. A polícia chegou ao local e o cabo PM Antonio Lopes de Almeida disparou contra o

garoto, que fugia do conflito. Em represália, outros apurinã foram à casa do militar e não o encontrando, mataram a coronhada a filha de três anos e deixaram um filho de um ano gravemente ferido. Depois, foram à delegacia, cercando-a, mas o cabo Lopes conseguiu fugir, vindo para Manaus, onde se encontra. O delegado da FUNAI, Kasuto Kavanoto, considerou o caso como "um simples incidente", enquanto o CIMI Norte-I acusou o órgão pelos conflitos na região. (Página 3).

Crianças morrem no conflito com índios

Um cabo da PM matou a tiro um índio apurinã aculturado, ao intervir em uma briga ocorrida durante uma festa junina em uma casa na cidade de Lábrea e, em represália, teve uma filha de três anos morta a coronhadas e um filho de um ano ferido por índios companheiros do apurinã morto.

O cabo, Antônio Lopes de Almeida, há seis anos na PM do Amazonas, veio para Manaus, enquanto cinco policiais, um capitão e um major do destacamento de Humaitá se deslocaram para Lábrea com o objetivo de impedir novos incidentes. Na mesma cidade já estão os delegados da 8ª delegacia regional da FUNAI e da Polícia Federal do Acre.

Segundo versão do soldado Antônio Lopes de Almeida, que ontem estava no quartel central da PM, tudo começou quando ele e os três outros policiais do destacamento de Lábrea foram a casa de Raimundo Fernandes para intervir nos tumultos que ocorriam na festa, na qual parte dos participantes, inclusive os índios, estavam embriagados.

Em meio às brigas, o cabo diz que disparou a arma e o tiro atingiu o índio. Logo em seguida, apurinãs amigos do morto se armaram de paus e espingardas e saíram a procura do PM. Não o encontrando em sua casa, atacaram sua mulher Carmelita Inácio Ferro de Araújo, que fugiu ferida na cabeça e as crianças Cintia e Mário Junior. A menina levou diversas coronhadas de espingarda e morreu, e o garoto escapou e está internado em um hospital, com ferimentos na cabeça.

Após o ataque à casa do policial, os apurinãs cercaram a delegacia de Lábrea, mas o PM conseguiu viajar para Manaus, em avião que pousou na cidade na manhã de domingo. Durante o resto do dia a população do lugar permaneceu na expectativa de novos conflitos, mas ontem o clima era de calma.

Lábrea fica na região do rio Purus e nas terras do município vivem dezenas de índios, a maior parte dos quais aculturados e pertencentes a tribo dos Apurinã, que se espalham também por outras áreas, até Boca do Acre, cidade amazonense que tem seu limite urbano ligado a uma reserva indígena.

LÁBREA SEM LUZ

Há cerca de doze dias praticamente sem energia elétrica, a cidade de Lábrea vive momentos de tensão, apesar de que a presença de um delegado da Polícia Federal de Porto Velho, de um destacamento da PM de Humaitá e do delegado regional da FUNAI de Porto Velho, tenha colocado a situação "sob controle" após os tumultos de sábado passado.

Em vista da falta de energia, que deixa a cidade durante a noite na escuridão, as comunicações com Manaus encontram-se dificultadas.

Para se conseguir uma ligação telefônica pela Telamazon, é necessário pelo menos uma hora de espera até que seja completada. Por isto, a dificuldade em se conseguir maiores informações sobre o incidente entre o soldado e os índios.

Até ontem, o delegado regional da FUNAI, no Amazonas, não havia recebido outras informações sobre o assunto. O CIMI — Conselho Indigenista Missionário, entretanto, distribuiu ontem uma nota em que aponta uma versão diferente para os fatos. Segundo a nota, o motivo das duas mortes, do índio Félix Ramos e do filho do soldado da PM, deveram-se à "violência policial contra os índios".

VERSÃO DO CIMI

A primeira informação sobre o assunto foi captada em Belém, através do jornal O Liberal, recebendo ligação de um rádio-amador de Lábrea. Segundo a informação, o cabo Lopes, da PM de Lábrea, foi gravemente ferido durante o conflito e posteriormente removido para Manaus num avião da Taba.

O CIMI, Norte-1, na sua nota distribuída ontem, indica como local do incidente entre soldados da PM e os índios apurinã, cerca de 4 elementos, o Bairro da Fonte. "A polícia distribuiu agressões nos indígenas presentes. De repente, um menor, de nome Félix, filho do tuxaua Agostinho da aldeia de Caititu, saiu correndo do lugar da confusão. O cabo Lopes, um dos policiais, dispara o revólver matando o menino pelas costas".

Segundo a nota do CIMI, os apurinãs revoltados com o acontecimento, procuraram vingança. Não podendo realizá-la na pessoa do policial, atacaram a família deste, matando o filho menor e ferindo o outro gravemente. O CIMI, Norte-1, atribuiu os fatos à "indefinição da FUNAI em providenciar a demarcação das terras indígenas".

SÓ UM INCIDENTE

Para o delegado regional da FUNAI, Kasuto Kavanoto, o fato não passou de "um incidente desagradável", que não teve nenhuma conotação que o ligue a problemas das terras dos apurinã. Ele atribuiu a briga ao possível excesso de bebida, na festa, que levou à confusão inicial. A polícia entrevistou e houve o conflito entre índios e soldados.

A população de Lábrea, que nos últimos tempos tem vivido o abandono da administração municipal, com uma Prefeitura que pouco tem realizado, só funcionando no período da manhã, teme uma refrega entre índios e soldados, uma vez que a simples transferência do cabo Lopes para Manaus, para tratamento, e a presença de reforço policial na cidade não é suficiente para acalmar os ânimos.